

PEGA VISÃO: PRÁTICAS EDUCOMUNICATIVAS, MEDIADAS PELO AUDIOVISUAL, NA SERRA DA MISERICÓRDIA NO RIO DE JANEIRO

Pega Visão: educative practices, mediated by the audiovisual, in Serra da Misericórdia, in Rio de Janeiro

Pega Visão: prácticas educativas, mediadas por el audiovisual, en Serra da Misericórdia, en Río de Janeiro

Eliany Salvatierra Machado

Professora Doutora, Associada, do Departamento de Cinema e vídeo. Pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Cinema e Audiovisual - PPGCINE – UFF. Niterói, RJ, Brasil.

E-mail: elianys@gmail.com

Resumo

Este trabalho relata um processo Educomunicativo desenvolvido na comunidade do Complexo do Alemão, no Rio de Janeiro, com a ONG Verdejar Socioambiental e o Ponto de Cultura Memória da Misericórdia: Luiz Poeta – e a Universidade Federal Fluminense, através do Laboratório de Cinema e Educação (LECINE-UFF). O presente texto trata da conjunção entre movimentos sociais, políticas públicas e suas interfaces com a universidade. Descreveremos parte da trajetória do projeto “Pega Visão”.

Palavras-chave: Educomunicação. Projeto Pega Visão. Audiovisual.

Abstract

This work reports an Educommunication process developed in the community of Complexo do Alemão, in Rio de Janeiro, with the ONG Verdejar Socioambiental and the Point of Culture Memory of Misericórdia: Luiz Poeta - and the Federal University Fluminense, through the Laboratory of Cinema and Education (LECINE-UFF). The present text deals with the conjunction between social movements, public policies and their interfaces with the university. We will describe part of the trajectory of the project "Pega Visão".

Keywords: Educommunication. “Pega Visão” Project. Audio-Visual.

Resumen

Este trabajo relata un proceso educunicativo desarrollado en la comunidad del Complejo del Alemán, en Río de Janeiro, con la ONG Verdejar Socioambiental y el Punto de Cultura Memoria de la Misericordia: Luiz Poeta - y la Universidad Federal Fluminense, a través del Laboratorio de Cine y Educación LECINE-UFF). El presente texto trata de la conjunción entre movimientos sociales, políticas públicas y sus interfaces con la universidad. En el marco de la trayectoria del proyecto "Pega Visión".

Palabras clave: Educomunicación. Proyecto “Pega Visão”. Audiovisual.

Introdução

No ano de 2015, uma reorientação do Ministério da Cultura se fez sentir na cidade do Rio de Janeiro, dentre outras iniciativas, através de um convênio firmado com a Secretaria Municipal de Cultura que resultou em uma nova linha de fomento ao já bem-sucedido programa Viva o Cinema!¹ voltado ao desenvolvimento da economia audiovisual da cidade.

Foi nessa época de atualização do Programa Cultura Viva – já regulamentado pela Lei No. 13.018/2014 –, que a empresa municipal RioFilme formulou nova linha de investimentos à cultura através do audiovisual. O edital, de baixo orçamento, também passou a fomentar ações locais e pontos de cultura tendo um eixo de capacitação à “(...) preparação de aulas, cursos oficinas, palestras e/ou seminários sobre esses aspectos e setores do audiovisual objetivando a difusão, formação e qualificação na área”².

Dentre as propostas apresentadas pelos pontos de cultura da cidade do Rio de Janeiro, uma das iniciativas contempladas foi a de uma oficina de formação a ser realizada através da sinergia entre movimento social – a saber, a ONG Verdejar Socioambiental e o Ponto de Cultura Memória da Misericórdia: Luiz Poeta – e a Universidade Federal Fluminense, através do Laboratório de Cinema e Educação (LECINE-UFF).

Neste breve trabalho descreveremos alguns desses processos que partem de um desejo local, se fundamentam teórica e metodologicamente na Educomunicação, exercitam o diálogo e se desenvolvem através da experiência estética enquanto processo de ensino/aprendizagem tendo o audiovisual como meio preferencial.

1. Desejos locais e transbordamentos

¹ Criado em 2013, esse programa inicialmente financiava a produção e, numa edição seguinte, também a comercialização de longas-metragens. Considerado um sucesso pela administração pública, no ano de 2015 essa política pública se voltaria também ao fomento de atividades do terceiro setor.

² Linha de ação nº 5: Ações Locais e Pontos de Cultura. Site de acesso: <http://www.rio.rj.gov.br/web/riofilme/exibeconteudo?id=5411572>. Data de acesso: 05/08/2018

Uma montanha parcialmente verde se eleva na paisagem acinzentada da Zona Norte do Rio de Janeiro: é a Serra da Misericórdia, último remanescente florestal da área mais populosa da cidade; a qual se encontra cercada por vinte e seis bairros dentre os quais cinco complexos de favelas.

Lá, desde meados dos anos 1990, um grupo de moradores das redondezas realiza uma série de atividades pautadas nos desejos de convivência e dispêndio, de atenção às dádivas da Natureza e às histórias que se ancoram no espaço; elementos que constituem uma comunidade emocional e têm nas possibilidades de se estar-junto elemento central uma vez que “(...) antes de qualquer outra determinação ou qualificação, ele [o estar-junto] consiste na espontaneidade vital que assegura a uma cultura sua força e solidez específicas” (MAFFESOLI, 2004, p 115).

É nas encostas dessa montanha que os verdejantes, como se reconhecem³, atuam através do reflorestamento e manejo de trilhas, da manutenção de hortas comunitárias, da transformação de casas da favela em moradias sustentáveis dotadas de captação da água da chuva e aquecedores solares, do combate a incêndios espontâneos ou criminosos que consomem as árvores da montanha; em suma, da manutenção desse lugar especial onde se ancoram a potência dos sonhos a orientar fazeres necessários a uma cidade mais ambientalmente equilibrada e socialmente justa.

Ao longo dessa caminhada marcada pela preservação, celebrações, histórias e devires que a Serra da Misericórdia conhece, os verdejantes vieram a se institucionalizar em um novo sujeito sociopolítico: a Organização Não-Governamental Verdejar Socioambiental, talvez uma necessidade de se conferir certa “(...) vitória do lugar sobre o tempo” (CERTEAU, 1990, p. 99) fazendo perseverar o verde na montanha.

³ Essa identidade coletiva se cristalizou através de uma poesia composta por um de seus mais notórios membros, o qual ficou conhecido como Luiz Poeta (1957-2012): a poesia Verdejar Já, onde o repentista narra o desejo da montanha de se ver novamente coberta de florestas. Disponível em <https://www.verdejar.org/poesias>. Data de acesso: 05/08/2018.

No ano de 2005, uma nova integrante dessa comunidade emocional já institucionalizada, estudante de produção cultural, começou a se inquietar com a natureza quase que exclusivamente “braçal” das atividades desenvolvidas nessa jornada pela preservação da Serra da Misericórdia. Marcelle Felipe se tornou a primeira protagonista daquilo que viria a ser o projeto “Pega Visão” e a sua trajetória nos ajuda a estruturar os saberes dessa parceria educacional.

— Quando eu cheguei aqui no Verdejar era só facção, picareta, cerrote... Agente só ficava na mata, trabalhando... Era bom, mas eu ficava pensando “e a juventude que não quer isso?”... Será que não dava pra fazer um trabalho mais cultural pra quem não quer participar do plantio, para poder participar de outras coisas? (Marcelle Felipe)⁴

No ano de 2012, após diversas atividades culturais que Marcelle produziu nos entornos da montanha que contaram com a feitura de pequenos livros em papel reciclado por crianças em processo de alfabetização; pela realização periódica de uma roda cultural onde se podia fazer uso livre do microfone em versado improvisado; por uma série de oficinas de culinária utilizando plantas alimentícias não convencionais — dentre outras iniciativas —, os verdejantes foram reconhecidos pelo Programa Cultura Viva enquanto um dos seus Pontos de Cultura, compondo a Teia da Diversidade do Ministério da Cultura, tendo que realizar um pequeno plano de trabalho voltado ao exercício da cidadania cultural a partir do ano seguinte.

Ao longo dos próximos dois anos, o Ponto de Cultura Memória da Misericórdia: Luiz Poeta — assim chamado em homenagem póstuma ao fundador dessa coletividade verdejante — realizou uma série de oficinas que iam de fotografia digital à bioconstrução, do RAP à edificação de enormes cisternas em concreto, de caminhadas pelas trilhas que cortam esse maciço a

postagens em redes sociais; culminando num pequeno documentário que recolhe e faz a mediação das memórias dispersas nesse enorme espaço⁵.

Foi numa das exibições desse filme, ainda em 2015, que conhecemos um pouco mais os verdejantes, parte de sua narrativa de si e novos desejos: “comunicar mais” o sentido das práticas ambientalistas e das produções culturais que desenvolvem nos arredores da Serra da Misericórdia; talvez disputando, por um contágio estético, até mesmo as políticas públicas da cidade — como a desejada implementação de uma Área de Preservação Ambiental e Recuperação Urbana (uma APARU) nesse espaço, salvaguardando a serra da pressão constante pela construção de novas casas em favelas dado o histórico déficit habitacional da cidade.

Não foi de imediato que percebemos que o projeto, para os verdejantes, tratava-se de uma ação voltada a colocar em comum as diferenças tendo o audiovisual enquanto recurso, uma mediação do sentido dessas ações. Talvez, o desejo de realizar um documentário fosse uma tentativa de dar maior coesão ao laço entre aqueles que experimentam e os que desconhecem esse espaço da cidade, suas histórias, usos, possíveis benefícios, concretas potencialidades e inúmeros devires, tentando criar novos vínculos e nos fazendo refletir sobre a comunicação.

O projeto “Pega Visão” nos fez refletir sobre a comunicação que gostaríamos de apresentar aos verdejantes. Segundo Muniz Sodré o campo da comunicação diz respeito à “(...) ação de articulação do comum por meio da mobilização existencial das diferenças.” (SODRÉ, 2014, p. 259), o que nos leva a adoção da comunicação como dialogicidade e relação, extrapolando um “mero” estudo dos meios ou formação técnica.

A comunicação que apresentamos aos verdejantes é a que nos faz pensar em algo que não havíamos pensado antes, uma comunicação dialógica que nos põe em relação com o Outro. Esse tipo especial de relação é o que entendemos enquanto comunicação, uma experiência antropológica fundamental que atravessa a vida social e que encontra eco nas palavras de

⁴Relato da verdejante Marcelle Felipe em entrevista gravada em vídeo, concedida para a pesquisa, em 2018. Para assistir o curta produzido com o Verdejar acesse: <https://curtadoc.tv/curta/direitos-humanos/verdejar/>. Data de acesso: 05/08/2018.

⁵Olhares da Misericórdia: a serra que atravessa gerações. Dir: Álvaro Vinícius, 2015, 16min. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=e3tzqDPr2qs>> (acessado em 05 de agosto de 2018)

Paulo Freire, “(...) somente na comunicação tem sentido a vida humana” (FREIRE, 1981, p. 73).

Nesse sentido, iniciamos o projeto tendo o encontro dialógico enquanto princípio. Pois, por mais que quiséssemos não partilhávamos dos mesmos valores, histórias e emoções. Nós, da universidade, não conhecíamos aquelas comunidades e não sabíamos o que era habitar aquele espaço. Eles, os verdejantes, não sabiam o que fazíamos ou como poderíamos contribuir na realização de suas atividades. As práticas educacionais foram fundamentais nesse momento.

2. Educomunicação: fundamentos e atravessamentos

A Educomunicação, para os que ainda não conhecem, é um encontro entre o Campo da Educação e o Campo da Comunicação. Ismar de Oliveira Soares gosta de escrever que é “um campo emergente”. Emergente, porque está formando as primeiras turmas, está apresentando os primeiros educadores e ainda precisa se apresentar.

A Educomunicação perpassa, atravessa compreensões diferentes do termo comunicação, porém todas tem como pressuposto o “pensar sobre” e a dialogicidade ou também como diz Boaventura de Sousa Santos, perspectivas do Sul, a esquerda.

A Educomunicação já teve como princípio educar para os meios, no sentido de demonstrar como os meios (televisão aberta, rádio e jornal) ao não contar, ou aprofundar as informações omite intencionalmente, revela parcialmente uma realidade que acaba sendo mais ficcional que real. Porém, a partir da virada epistemológica, da teoria cultural, as pesquisas começaram a apontar que a recepção atribuía os seus significados as narrativas apresentadas pelos meios. Foi a partir daí que os projetos educacionais começaram o trabalho com a recepção ativa e pensar nas possíveis mediações. No projeto, Pega Visão, nos propomos a realizar uma Educomunicação com base na relação, na alteridade, e a promover espaços dialógicos.

Tomamos a Educomunicação a partir do princípio filosófico do acontecimento (MACHADO, 2009), a força do estar junto e se sentir comunidade em diálogo, que entende que o outro não é um ser a ser

conquistado e muito menos apropriado. O Outro é alteridade que deve ser acolhido em toda a sua dimensão e universalidade.

Foi compreendendo Educomunicação como espaço dialógico que entramos em relação com os verdejantes. O mesmo princípio filosófico fundamentava as práticas dos educadores audiovisuais que passavam pelo Lecine – Laboratório de Cinema e Educação criado com o objetivo de auxiliar os educandos-educadores a pensarem as práticas pedagógicas na Educação Básica e em espaços de educação não formal.

O Lecine, à época estava com o projeto ECine – Escola de Cinema e o objetivo era construir (física e filosoficamente) uma escola de cinema dentro do Coluni – Escola Geraldo Reis – UFF. Ao mesmo tempo, a intenção era acolher projetos de extensão que tivessem como objetivo o encontro, as parcerias e o diálogo entre a universidade e a escola, entre a universidade e a comunidade.

Nós, no Lecine entendemos que a extensão não é assistência ou ensino da produção acadêmica que é levado às comunidades. A ideia filosófica de extensão vem dos primeiros projetos com comunidades e grupos organizados que estavam fora do universo acadêmico, como foi o projeto “Pés no Chão” em Mato Grosso do Sul, criado e mobilizado pelo movimento estudantil organizado na década de 1990.

O Movimento estudantil, ainda no final do século XX sistematizou e acumulou várias discussões sobre a extensão, infelizmente o projeto neoliberal para as Universidades subverte o que entendemos por extensão. Extensão para nós, no Lécinel, herdeiros de uma visão progressista é encontro de saberes. É o reconhecimento que a comunidade tem um saber construído socialmente e se encontra com o saber sistematizado produzido na universidade.

Observamos, durante o projeto Pega Visão, que os verdejantes produzem conhecimento comunicacional e, no encontro com os educando-educadores, foi possível sistematizar essa produção, objetivo do presente texto. Cabe-nos a visibilidade de práticas comunicacionais cotidianas invisíveis.

3. Pondo em comum

No dia 21 de julho de 2015 demos início a nossas atividades. O edital da RioFilme ainda estava aberto, não tínhamos sistematizado nenhuma proposta pois nossa predileção era a de uma criação conjunta de uma prática educ comunicativa a partir do diálogo que desenvolveríamos entre movimento social e universidade.

Nos encontramos no sopé do morro onde se localiza a comunidade Sérgio Silva, no bairro do Engenho da Rainha. Lá, Marcelle Felipe e Edson Gomes, dois verdejantes, vieram nos buscar para que fôssemos à sede da ONG Verdejar Socioambiental, onde parte da juventude que construía o Ponto de Cultura Memória da Misericórdia: Luiz Poeta já nos esperava. Foi no terraço daquela casa-sede, que se localiza no largo principal da comunidade Sérgio Silva que conhecemos outros verdejantes: Felipe, Douglas, Patrícia, Vinícius, Nêgu Tema, Marjan e Lucas.

Nos apresentamos e começamos a conversar sentados em cadeiras ou puffs de garrafas pet que eles haviam feito recentemente numa oficina de reciclagem. Era uma conversa de um ritmo lento, que ia e vinha, falava de coisas que tinham acontecido, do que viria a acontecer, de sonhos e de algo que tinha certo aspecto de lenda ou mito. Frequentemente a conversa tomava rumos muito diferentes porque, estando a sede aberta, entravam muitas crianças que queriam brincar, desenhar ou apenas estar ali; mães com filhos pequenos no colo que queriam saber de novos cursos ou atividades, perguntando também como estavam a ONG e as pessoas; moradores os mais diversos que falavam de uma cisterna, da falta d'água que teve semana passada, de uma horta; adolescentes que queriam saber se ia ter de novo uma roda cultural.

Em determinado momento mencionamos o edital da RioFilme. Foi então que Vinícius se levantou e, de trás da estante de livros, tirou um desses quadros brancos que se escreve à caneta pilot e aquela conversa tomou um aspecto que conhecíamos bem: de reunião deliberativa.

No quadro havia um certo cronograma encabeçado por uma gíria escrita em letras garrafais: Pega Visão. Contaram-nos que alguns meses antes

havia terminado um grande plano de trabalho do ponto de cultura, o qual tinha durado mais de um ano, cuja reminiscência de uma série de processos os mais diversos era o pequeno documentário dirigido por ele e que assistiríamos na sequência.

Essa gíria “pega visão” seria o nome e o espírito de um empreendimento que a juventude do ponto de cultura queria desenvolver, algo como uma pequena produtora audiovisual para dar continuidade àquele processo. Algum tempo depois, vieram a sistematizar melhor esse desejo segundo suas palavras em descrição em rede social pois “(...) o Pega a visão é um grupo formado por jovens moradores da Serra da Misericórdia, e tem como objetivo passar informação de dentro pra fora da favela.”⁶

Havia muitas ideias: contar mais histórias sobre aquele lugar e sua gente, fazer videoclipes de artistas da comunidade, dar visibilidade para a cena do RAP que eles apoiavam através da de uma roda cultural e, se possível, pois desejável, viver daquilo; viver de produzir filmes.

Perguntamos se tinham uma folha de cartolina. Arranjamos uma que já tinha vários desenhos e, no verso não aproveitado, escrevemos Pega Visão e pedimos para que falassem o que viesse à mente quando se queria dizer aquelas palavras. Começou a se constituir uma nebulosa em torno daquele sentimento e fomos tentando mapear e afinar do desejo à proposta. Muitos projetos, muitas ideias, potencialidades, necessidades urgentes e pequenas histórias. Cada fala ou termo mapeado pedindo certa configuração de coisas – equipamentos, recursos humanos e de produção, tempo.

Ao final dessa parte da conversa e com esse mapa nas mãos, perguntamos o que queriam de fato fazer e notamos certo desânimo, talvez um cansaço ou certo constrangimento quando começaram a olhar um pro outro e o silêncio durou algum tempo. Queriam fazer o Pega Visão, mas não

⁶ Disponível em
<https://www.facebook.com/pg/ColetivoPegaVisao/about/?ref=page_internal> (acessado em 10 de agosto de 2018)

estavam conseguindo “botar no papel” a proposta e por isso estavam pensando em disputar o edital da RioFilme através de um cineclube⁷.

Não era exatamente o que queriam, mas o que sabiam, pois tinham um “Manual do Cineclube” em mãos e já tinham experiência na realização de um cineclube no Ponto de Cultura – inclusive o curta-metragem que tinham feito contou com duas estreias nas localidades em que os produziam, tanto naquela e como em outra favela que circundava a Serra da Misericórdia.

– Por que a gente não trabalha com livestream? – perguntamos e, diante do silêncio, reformulamos – Por que a gente não trabalha com ao vivo? Vocês já tem uma ilha, já têm uma câmera e um tripê⁸... A gente podia apresentar um projeto de ao vivo pro edital, a gente transmite pelo Youtube, faz como se fossem pequenos programas para TV. Ele pode virar um serviço pra essa produtora Pega Visão, no futuro... A gente compra uns equipamentos que faltam e que podem ser usados pra Roda Cultural também, como uma mesa de som digital... O restante a gente divide em bolsas de ajuda de custo. A gente vai fazendo, experimentando.

Ainda não estava disponível, como hoje, o serviço de Livestream pelo Facebook e a demanda em ajuda de custo era um imperativo para fomentar a economia local e viabilizar a periodicidade da ação. De nossa parte, esse primeiro encontro marcado pelo encontro dialógico era fundamental ao desenho de nossa prática educacional, onde o uso de equipamentos como câmeras, microfones, cabos e conectores seriam encarados enquanto objetos necessários à realização de jogos com a criatividade, uma possibilidade de encontro ou atravessamento pautado na experiência estética mediada pelo audiovisual.

Através de uma reunião posterior, realizada via Skype, sistematizamos em projeto as necessidades, calendário, justificativas e objetivos o desejo do

⁷ As práticas cineclubistas foram um dos eixos mais contemplados pelo Programa Cultura Viva em sua primeira rodada de investimentos. Partia da conjugação de práticas, debates e saberes acumulados pela Confederação Nacional dos Cineclubes e do programa Mais Cultura que tinha como meta a criação de uma rede de exibição alternativa que contaria com mais de mil pontos de exibição capaz de dar vazão às narrativas audiovisuais que não encontram espaço nos circuitos organizados pelo mercado, muitas delas dispendiosas e financiadas via renúncia fiscal pela Ancine desde os anos 1990, além de todo um imenso acervo digitalizado disponibilizado pela Cinemateca Brasileira.

“Pega Visão”. Submetido à RioFilme, o projeto foi aprovado. Em 2016 começamos encontros de outra natureza: estética e, portanto, criativa.

4. Mediando um jogo criativo

Entre março e agosto de 2016 realizamos uma série de vivências semanais, principal mas não exclusivamente, em duas comunidades onde os verdejantes desenvolvem atividades: na comunidade Sérgio Silva (bairro Engenho da Rainha) e no Morro da Esperança (Complexo do Alemão). A escolha da localidade onde a atividade se desenvolveria a cada semana se acompanhava as demais atividades do calendário da ONG Verdejar Socioambiental: caso se fizesse o manejo da horta comunitária na Sérgio Silva, ali nos encontraríamos; por ocasião do reparo de uma cisterna que capta a água da chuva na casa de uma moradora do Morro da Esperança, lá realizaríamos nossas atividades; caso um coletivo parceiro do Morro do Alemão, no coração do Complexo, realizasse um grande evento, ali também estaríamos.

Uma primeira etapa de nossos encontros consistia em uma série de conversas nas quais tentávamos mapear o universo de atividades que aconteciam nessas comunidades, nos desejos que os verdejantes queriam narrar em vídeo e na preparação para a realização de uma série de jogos. Enquanto os equipamentos que havíamos encomendado não chegavam, assistíamos conjuntamente a alguns conteúdos audiovisuais realizados com um conjunto de equipamentos similar ao que teríamos⁹, adquirindo repertório, coesinando nossas propostas, imaginando como iríamos lidar com “(...) o jogo de combinação com elementos claros e distintos” (FLUSSER, 2002, p.78) que envolvem a feitura da imagens técnicas.

⁸ De certo modo já sabíamos que possuíam alguns desses equipamentos por fazerem parte de um certo kit “obrigatório” que todos os Pontos de Cultura deveriam adquirir, uma vez homologados pelo Ministério da Cultura (SANTINI, 2017).

⁹ Principalmente “os programas de TV” realizados pela Mídia Ninja <https://www.youtube.com/user/midianinja> (acessado em 10 de agosto de 2018), PósTV https://www.youtube.com/channel/UCgFeIPSajbVVWSyKx_SLWQ (acessado em 10 de agosto de 2018) e TV UNE <<http://www.une.org.br/tv-une/>> (10 de agosto de 2018)

Boa parte de nossas atividades foram baseadas nos escritos de Vilém Flusser, cuja teoria talvez deva ser entendida enquanto “(...) uma crítica geral das relações entre tecnologia, sujeito e sociedade a partir do que o autor denomina imagens técnicas, possibilitadas pelo funcionamento dos aparelhos” (RUSSO, 2015, p. 140). Ao descrever o universo das imagens técnicas, Vilém Flusser considera o aparelho fotográfico como um “(...) modelo para todos os aparelhos característicos da atualidade e do futuro imediato” (FLUSSER, 2002, p. 19). Segundo sua filosofia, a etimologia do termo “aparelho”, relativa à disponibilidade ou prontidão à realização de uma tarefa (quem sabe um jogo), deve subsistir quando se reflete sobre esse tipo de imagem, uma nova etapa da história da cultura, verdadeira virada tecnocultural a se desenrolar na contemporaneidade.

Enquanto assistíamos a esses conteúdos, mapeávamos quantas câmeras cada um deles utilizou, se foi necessária uma mesa de som, quantos tripés, quantos e quais cabos transmissores de sinal seriam necessários. Também nos questionávamos sobre o tamanho da equipe necessária à realização dessas tarefas, de como ela se dividiria em funções, quais as necessidades a serem sistematizadas em planejamento e cronograma à realização de um simples “programa de TV”. Uma vez que a prontidão era um elemento fundamental, tentávamos nos precaver através da imaginação.

Com a chegada dos equipamentos – principalmente novas handycams, tripés, cabos, microfones, mesa de som digital, extensões de energia e uma mochila impermeável capaz de carregar toda essa parafernália – outra parte das atividades poderia começar. De posse dos aparelhos, poderíamos começar a experimentar o gesto do vídeo a partir das comunidades de onde falávamos: talvez uma forma particular de ser-no-mundo.

Uma de nossas primeiras “transmissões” foi feita após um grande mutirão anual que os verdejantes realizam anualmente na horta da comunidade Sérgio Silva. A mudança de estação pede a nova feitura de canteiros, o plantio de outras verduras e a poda de árvores que viessem a sombrear os cultivares. No largo da comunidade, de onde parte uma trilha que dá acesso à horta, preparamos nosso jogo: cadeiras dispostas em semi-círculo, um gazebo para maior conforto, mudas de plantas nos arredores, um monitor onde se exibiam vídeos feitos anteriormente pelos verdejantes e CDs

pendurados para decorar compunham o cenário; três handycams apoiadas em tripés, conversores de sinal, cabos, microfones, mesa de som e um computador formavam imenso gambiarral – era o momento de jogar com o programa através do gesto do vídeo. Com o final do manejo na horta, moradores das comunidade e voluntários vindos de outras partes da cidade desciam o morro e vinham ter conosco: em nosso primeiro programa “Pega Visão” íamos conversar um pouco sobre as atividades daquele dia.



Imagens (em sentido horário): 01 – Cenário do primeiro programa; 02 – Patrícia entrevistando moradores; 03 – Bate-Papo com Dona Josefa; 04 – Vinícius entrevistando no Circulando.

Talvez seja conveniente lembrar que, para Flusser, uma característica importante das imagens técnicas é sua natureza programada, sendo a feitura dessas imagens um jogo de esgotamento de “(...) algumas potencialidades inscritas nesse aparelho” (FLUSSER, 2002, p. 23). Começamos assim a experimentar o programa de uma verdadeira “gambiarral” que havíamos montado: uma vez que a aquisição de equipamentos (semi) profissionais

voltados à transmissão ao vivo era inviável dado seu alto custo em contraposição ao nosso baixo orçamento, optamos por uma série de substituições a partir de componentes eletrônicos alternativos.

Vinícius, que trabalha numa empresa de monitoramento remoto em vídeo e instala de sistemas de vigilância eletrônica por toda a cidade, foi fundamental nesse processo: ele sabia que dispendiosas placas de captura de sinal em vídeo-componente poderiam ter seu trabalho – “(...) atividade que produz e informa objetos” (FLUSSER, 2002, p. 79) – realizado por outros aparelhos de baixíssimo custo, sendo necessário apenas realizar a troca de alguns conectores e/ou cabos; também sabia onde e por quanto podíamos encontrar esses equipamentos pela cidade.

Resolver esses problemas que ordem prática, como a substituição de equipamentos e toda uma reconfiguração de um workflow viável à realização de nossas transmissões talvez deva ser entendida enquanto um exercício da criatividade, potencial inerente ao ser humano que tem em processos artísticos um terreno de exercício privilegiado ao “dar forma a algo novo” (OSTROWER, 2008, p. 09).

Através dos acréscimos que realizamos por meio de “elementos humanos não previstos” (FLUSSER, 2002, p. 75), passamos a nos envolver com uma série de atividades com fim em si mesmas: o ato de jogar com as imagens técnicas como por ocasião do reparo da casa sustentável de Dona Josefa, no alto do Morro da Esperança. Lá, uma pequena casa da comunidade se tornou uma moradia sustentável que conta com captação de água de chuva, com uma pequena horta e com aquecedores solares (MAIA&MORELATO, 2017). Enquanto essas atividades aconteciam, experimentávamos a caixa preta, manipulando o input e o output de seu programa, realizando uma transmissão “Bate papo com Dona Josefa”¹⁰.

À época, Nêgu Tema, um rapper que morava na comunidade Sérgio Silva, realizava uma pequena oficina de RAP com as crianças dos arredores. Tentativa de fomentar a leitura, a criatividade e proporcionar um espaço de

exercício cultural e artístico na comunidade, as oficinas de Nêgu Tema passavam por um problema: as crianças tinham muita energia e não se concentravam muito nas dinâmicas propostas por ele. Neste dia os serviços de internet, por nós contratados na comunidade, estavam off-line; decidimos gravar então o “RAP do TEMA”. Surpreendentemente, todas as crianças se comportaram exemplarmente, mostrando o melhor de suas rimas.

Em outro momento, uma organização parceira viria realizar um evento de monta. Localizada no Morro do Alemão, coração do Complexo, o Instituto Raízes em Movimento produz anualmente o “Circulando”¹¹. Precisando de maior visibilidade à peça de teatro que compunha parte de sua programação, a qual foi produzida sobre o cotidiano nessa comunidade, tivemos o input necessário para outra transmissão ao vivo¹².

Considerações parciais

Ao final do processo tínhamos realizado oito transmissões ao vivo, dentre as quais, cinco “programas de TV” do projeto Pega Visão, além de outras cinco pequenas vídeo-reportagens sobre atividades que a convivência do calendário sugeriu. Nem todos os “programas de TV” foram transmitidos ao vivo pois, embora tivéssemos contratado um serviço de banda larga, descobrimos que a banda oferecida em favelas da cidade é muito inferior ao nominal pelo qual pagávamos, tornando algumas transmissões inviáveis dada à instabilidade do sinal.

Ao longo de seis meses realizamos uma série de atividades que, via recurso às imagens técnicas, fomentou espaços propícios ao diálogo e uma série de mediações operadas pela criatividade inscrita ao ato de jogar. A sinergia entre desejos locais que mobilizam atores sociais, a sistematização de conceitos característica das atividades universitárias e a experiência estética proporcionada pelo audiovisual, segundo nossas experiências, é capaz de

¹⁰ Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=8QT2ZH2yhj8> > (acessado em 05 de agosto de 2018)

¹¹ Link para a atividade disponível em < <https://www.facebook.com/events/202645403521505/> > (acessado em 07 de agosto de 2018)

¹² Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=HET8ow5DWM4> > (acessado em 07 de agosto de 2018)

desenvolver novos processos de ensino/aprendizagem que demandam a constituição de uma cidade educativa.

Em suma e neste breve relato, tentamos descrever como práticas dialógicas se exercem tendo no recurso à tecnologia um operador da diferença. Acreditamos que as emergentes realidades tecnocultural trazidas pelas imagens técnicas reforçam um novo estatuto cognitivo perante o mundo das imagens, questões que a confluência de campos como os da Educação e da Comunicação devem levar em consideração caso desejem “(...) potencializar a criatividade social no desenho da participação cidadã” (MATÍN-BARBERO, 2014, p. III), como sugerem estudos contemporâneos.

O projeto Pega Visão, em parceria com os verdejantes, nos demonstrou que há um conjunto de práticas comunicacionais que vão além da comunicação mediada pela tecnologia. Tessitura do comum que acontece em relação dialógica, face a face, pelo estar junto e pela vida na Serra da Misericórdia no Complexo do Alemão na cidade do Rio de Janeiro.

Referências

BUBER, Martin. Eu e Tu. São Paulo : Centauro, 2001

_____. Sobre a comunidade. São Paulo : Perspectiva, 2012

CAIAFA, Janice. A aventura das cidades. Rio de Janeiro : Editora da FGV, 2007

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: artes de fazer. Petrópolis : Vozes, 1998

MACHADO, Eliany Salvatierra. Pelos caminhos de Alice: vivências na Educomunicação e dialogicidade no Educom.TV. Tese de doutorado, ECA-USP, São Paulo, 2009.

MAFFESOLI, Michel. O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro : Forense Universitária, 1998

RUSSO, Eduardo A. Imagens, aparelhos e gestos: Flusser e o campo do audiovisual. In: YOEL, Gerardo (org). Pensar o cinema: imagem, ética e filosofia. São Paulo : Cosac Naify, 2015

FLUSSER, Vilém. Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia. Rio de Janeiro : Relume Dumará, 2002

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1981

_____. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo : Paz e Terra, 1996

OSTROWER, Fayga. Criatividade e processos de criação. Petrópolis : Vozes, 2008

RIOFILME. Edital Viva o Cinema! Rio de Janeiro : Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro, 2015: Disponível em <<http://www.rio.rj.gov.br/web/riofilme/exibeconteudo?id=5410807>

SODRÉ, Muniz. A ciência do comum: notas para o método comunicacional. Petrópolis : Vozes, 2014

MARTÍN-BARBERO, Jesús. A comunicação na educação. São Paulo : Contexto, 2014

_____. Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro : Editora da UFRJ, 2015

Últimos artigos publicados:

MACHADO, Eliany Salvatierra (2017). Comunicação e Educação: fenômeno comunicacional. REU, Sorocaba, SP, v. 43, n. 2, p. 337 – 349

MAIA, JOÃO, E ROSSI MORELATO, RODRIGO (2017). “Angústia global e transcrição local: sobre uma casa tech no Complexo do Alemão” Revista ECO-Pós [Online], Volume 20 Número 3.